

A SENTENÇA

Marcelo Ferreira de Menezes

Em minha carteira, eu vivia o paradoxo de desejar que o tempo passasse mais rápido. Era minha fome. Meus pais não entendiam por que motivo meu rendimento na escola era péssimo. A concentração é quase impossível quando a fome se faz acompanhar de uma aguda dor de cabeça. Merenda? Eu só sabia o que era, porque via a dos meus poucos colegas. "Você não sente fome?", perguntavam. "Não. Não sinto", eu mentia tentando demonstrar não estar encabulado.

A voz da professora era uma espécie de motor rouco, girando numa pasmaceira lenta e esmagadora. Matemática, português, geografia, ciências, história, tudo era uma massaroca engruvinhada que arranhava meus ouvidos e moía meu espírito absorto.

Mas eu disse que era um paradoxo. Então algo em mim — lógico —, queria muito bem que aquela parte ingrata do dia não se acabasse nunca. E quando se findava, era um contar de minutos infinitos até o novo dia. O motivo estava diante de meus olhos: Priscila. Priscila e seus longos cabelos negros adornados com alguma presilha de flor lilás. Priscila com seus olhos de faísca negra riscando o outono em minha mente amarelada e sonolenta. Priscila com seu sorriso de maçã fresca e bem-polida. Priscila e sua saia de colegial curta, que permitia a visão de um naco branco, farto e assanhadamente frio (supunha eu) de coxa sádica. Priscila e seu sapatinho lustroso acomodando o pezinho delicado em meia três quartos. Priscila, Priscila, Priscila. E eu, tão tenro ainda na vida, tendo de aprender a acochambar no peito uma dor e, num mesmo grau de violência, um prazer que eu sabia impossível.

Mas eu a amava. E chorava à noite, pensando na vergonha que eu sentia em

passar ao seu lado no recreio, por não poder andar ereto para não levantar, acima do umbigo, a barra de minha única e encardida camisa de uniforme escolar — desse incômodo desajuste talvez tenha brotado a leve corcunda que exibio constrangido hoje. Eu a amava e, contraditoriamente, eu desejava que ela me visse, de alguma forma que me visse. Mas que não visse meu velho e surrado Conga, furado no dedão. Mas que não suspeitasse de que minha calça de tergal, com remendos no joelho, pescava siri. E que não suspeitasse também de que a falta de um casaco nos dias mais frios não fosse exatamente isso: a falta de um casaco. E eu chorava, desejando um dia poder me aproximar dela e lhe oferecer nem que fosse um Mirabel, iguaria que ficava muito distante de mim, lá em qualquer prateleira mais alta da cantina, da qual nunca me aproximei por evidente falta de dinheiro.

Priscila, a representante de sala. E não poderia ser mais ninguém. Nesse dia ela recolheu a redação. O tema: "Como será meu futuro?". E ali mesmo ocorreu algo que eu não esperava. Lá na frente, junto à mesa da professora, ela, procurando com rapidez e nítida curiosidade no bolo de redações, encontrou a que buscava. E com a colega que estava ao seu lado, e que parecia também bastante interessada, comentou: "Letrinha bonita!". E depois: "Veterinário!".

Meu peito foi atingido por uma pancada forte, como se um pé invisível, vindo não sei de que dimensão, lhe houvesse golpeado com toda a vontade. Até a fome desapareceu nesse momento. Ela, Priscila, das múltiplas canetinhas e carimbinhos coloridos; Priscila, do perfume macio de menina bem-cuidada de zona sul, ela, a dama inalcançável de meus sonhos, ela, curiosa em ler minhas volições para o futuro? Eu estava ficando maluco? Ela teria percebido que era objeto de meu amor? De certo que sim. De alguma forma ela vira em mim algo de interessante? Nunca cheguei a saber.

Senti uma vertigem indizível quando, segurando ainda a folha de meu caderno, seus olhos se voltaram para a classe, indo me encontrar indefeso, nu, pobre, gelado, faminto e sem graça na última carteira da sala. Acho que eu teria tido uma parada cardíaca fulminante se tivesse mantido no papel minha mais importante

previsão: um dia me casar com ela.

Esperiei todo o colégio esvaziar nesse dia para levantar-me e ir para casa trôpego, confuso e com dores de cabeça.

Um dia eu ficaria rico, eu pensava. Teria um carro, uma casa, roupas boas, um armário cheio de biscoitos recheados e lhe compraria perfumes da Avon, flores, mais canetinhas coloridas e presilhas florais. Um dia eu a abraçaria para protegê-la de um frio que ela jamais deveria ter sentido. Um dia eu saciaria sua fome com meu hálito, com minha boca... Mas o tempo passou.

Não a vi mais depois do ginásio. Nunca tive coragem de me aproximar dela enquanto estivemos ali; jamais lhe disse o mais esqualido bom-dia. E perdi o chão no dia em que a vi com namorado, a cujo sofrimento de uma descrição me pouparei, bastando dizer apenas que era irritantemente compatível em tudo com minha amada.

Durante todos esses anos, ela sempre viveu em meus pensamentos: crescemos os dois, amadurecemos, aproveitamos os prazeres simples da adolescência, como ir à praia, ir ao cinema, tomar sorvete juntos no fim da tarde... Casamo-nos. Tivemos casas de campo, de praia, viajamos pelo Brasil e pelo mundo. Brigamos algumas vezes até, para que as pazes fossem um momento de alegria ainda maior nas luzes de minha mente. Isso somente no início, quando a realidade ainda não havia plantando em meu peito a erva amarga do rancor de tudo.

Daí passei a encontrá-la todos os dias sempre muitos anos depois: Priscila precocemente envelhecida pelo cigarro e pelas noites boêmias do Rio de Janeiro; Priscila com roupas rotas e enebadas; Priscila talvez cheirando a álcool e tabaco de má qualidade, tossindo grosso, o peito encatarrado; Priscila cheia de filhos, gorda, matrona; Priscila passando privações econômicas cruéis; Priscila morando na favela; Priscila apanhando do marido; Priscila com uma horrenda cicatriz na face...

Nesses encontros imaginários, eu estaria sempre muito bem-vestido, bem-casado com uma mulher linda, saindo de um carro esporte, gerindo uma grande

empresa, falando fluentemente o inglês. É. A mente é mesmo um palco, e, como diretores soberanos, depositamos sobre ele aquilo que mais cativa o único e solitário espectador: nosso egoísmo. E é curioso como o amor pode também desejar um bom punhado de lágrimas para o ser amado.

Mas eu estava ali, na fila do banco, por volta do meio-dia, cheio de contas da clínica para pagar e, mais uma vez, com fome, quando reconheci o cabelo, o formato delicado do corpo e a voz. Obviamente mais madura, mas Priscila. Toda ela. Quando se virou, vi seu rosto e a faísca negra de seus olhos: mudara quase nada. Mudara sim. Mudara bastante: estava estonteantemente mais bela; beleza que a idade, e só ela, sabe conferir ao já majestosamente belo. Quis correr; nem tive tempo. Ela me vira e vinha em minha direção, elegante, saudável, irrepreensivelmente bem-vestida, perfume francês, dentes branquíssimos.

Conversamos um pouco. Juíza. Veterinário? Nem sei se foi crueldade feminina aquela pergunta. A menos que veterinários tivessem adotado, a partir de algum momento, a insanidade de usar uniforme de servente. Um uniforme cinza, safado, quase âmbar de encardido, sustentado por grosseiros sapatos de borracha triste e preta, que pateticamente pensei em esconder. As contas a pagar em minha mão, incumbência extra dada por meu chefe, um dentista até boa praça, foram se transformando em um canudo amassado, engordurado, onde eu procurava toalmente me agarrar com as duas mãos, como a uma espécie de trapézio no vazio.

Não; Priscila não fora cruel; eu é que fora em todos aqueles anos; ela não. Tanto, que foi com sinceridade no olhar que saiu a pergunta: "Você está bem mesmo?". E me olhando de cima abaixo: "Se estiver precisando de algo...". "Sim", eu pensei. "Estou precisando que o mundo acabe neste exato instante e que toda a humanidade seja varrida do planeta junto com minha vida miserável e a lástima de minha vergonha". E me deu seu cartão, recomendando que eu ligasse, e, ao sair do banco, entrou em um elegante sedã, e, antes de entrar, ainda me atirou mais uma vez aquelas duas faíscas negras, que ela atirara naquele exato dia em que recolhera as redações, lendo a minha.

A vida não é boa nem má; nem o destino é um velhote matreiro a aplicar peças nos incautos. Há na vida portas que de fato não se nos fecharam, posto que nunca estiveram abertas para nós. E o simples fato de que uma tenha sido por ventura fachada, não resultará jamais na abertura de outras, ainda que continuem dizendo alegremente isso por aí. Por essa razão mesma, para alguns, por mais que a capacidade de sonhar pinte, com irresistíveis cores equatorianas, a tela de um futuro avidamente desejável, minimamente bem-sucedido, para alguns, eu digo, esse futuro nunca se apresentará.

Olhei o cartão. Juíza. Depositei-o discretamente no canto do balcão do caixa que me atendeu de má-vontade, por ter de esticar todo aquele bolo amassado de contas. Eu já recebera minha sentença; e ela era irrevogável. Deixei o banco com pressa; meu horário de almoço já estava terminando, e eu ainda precisava comer alguma coisa. Maldita fome!

Marcelo Ferreira de Menezes, 46 anos, é formado em Letras pela Universidade Federal Fluminense, contista, poeta e, há dez anos, professor da EEAR (Escola de Especialistas de Aeronáutica). É também autor do *site* www.letraseartes.com.br.

E-mail: letraseartes@gmail.com